

O ESTUDO DA GEOGRAFIA URBANA

As investigações em Geografia Urbana têm-se desenvolvido nos últimos anos, originando várias correntes de especialização e deixando em aberto várias questões. O que é que se sabe e o que é necessário saber sobre as cidades? Que problemas foram encontrados na sua forma e quais os de particular importância? Que conceitos e teorias são necessários na formulação do planeamento urbano? O aparecimento destes e doutros problemas implicou soluções que podem ser orientadas segundo duas direcções; uma relativa à construção de teorias urbanas e outra relativa à criação de fórmulas de planeamento que tenham em conta a reestruturação e a criação de cidades, apresentando ambas questões inerentes às formas de ocupação do solo, áreas de mercado, conflito entre as necessidades de transportes públicos e tipo de vida urbana, organização de áreas residenciais, deterioração dos espaços urbanos em função do próprio crescimento da cidade, etc. A série de problemas desenhados justifica o grande número de trabalhos de Geografia Urbana, quer sob a forma de artigos, quer de livros, mas o rápido crescimento dessa bibliografia incrementou por sua vez o aparecimento de antologias e compêndios que seleccionam o material publicado, segundo a sua aceitação nos meios de investigação. Um desses trabalhos de síntese é justamente *The Study of Urban Geography*, de HAROLD CARTER (1), publicado em 1972, onde o autor revela um profundo conhecimento dos estudos de Geografia Urbana.

Depois de um curto prefácio onde são explicadas as razões do seu aparecimento, o livro pode articular-se em três partes. Na primeira (pp. 1-16), que começa por uma introdução, CARTER apresenta uma retrospectiva da Geografia Urbana, analisando várias obras de renome mundial pelo valor do seu conteúdo e pela sua posição na história da Geografia. Após a apresentação de vários trabalhos de carácter geral, mas dando particular atenção ao aparecimento das cidades e sua localização, são referidas obras especificamente urbanas (por exemplo as de KARL HASSET, *Die Städte geographisch betrachtet* e de RAOUL BLANCHARD, *Grenoble, étude de géographie urbaine*) e mencionadas as primeiras revistas de Geografia Urbana que indicam esta ciência como objecto de estudo sistemático. Nelas dá-se particular importância ao *sítio* e *situação*, fórmula que foi abandonada após o aparecimento da obra de PATRICK GEEDS (1915), que deu especial relevo ao crescimento das cidades em função dos transportes, e dos trabalhos de CHRISTALLER (1933) e CROWE (1938), que mostraram que a cidade é um sistema complexo, cujos elementos eram fundamentalmente económicos e sociais.

O capítulo 2 (pp. 17-34) sintetiza o processo de urbanização. As primeiras páginas são dedicadas à tentativa de definição de *cidade* pela análise de factores como o comportamento de grupos sociais.

(1) HAROLD CARTER — *The Study of Urban Geography*, Edward Arnold, Londres, 1972, 344 pp., 154 fig., 28 quadros.

factores estruturais ligados ao sistema população/economia e factores demográficos referidos à concentração da população.

Considerando que as alterações económicas e sociais são características do processo, que existe um crescimento físico e individual das cidades e que elas estão contidas num sistema evolutivo no espaço e no tempo, o capítulo 3 (pp. 35-44) apresenta um esquema de desenvolvimento de um centro urbano onde os transportes têm papel fundamental e tenta generalizar algumas ideias sobre o crescimento das cidades.

No capítulo 4 (pp. 45-68) são apontados vários métodos para a classificação funcional das cidades: pela análise da actividade dominante; por definição estatística, utilizando índices de ocupação e de emprego; por análise quantitativa das funções para o que aponta como exemplo os métodos de POWNALL (1953) para a Nova Zelândia e NELSON (1955) para os Estados Unidos; por índices utilizados em economia urbana, tendo em conta o conceito de funções básicas e não básicas; e finalmente pela análise de variáveis, cujas componentes caracterizam a população urbana, assinalando-se a experiência de MOSER e SCOTT (1961) para as cidades inglesas e de HADDEN e BORGOTTA (1965) para as norte-americanas.

A segunda parte é dedicada à reunião de vários métodos ensaiados para o estudo das relações cidade-região e à determinação da hierarquia dos centros urbanos e delimitação das esferas de influência. O capítulo 5 (pp. 69-87) apresenta a teoria dos lugares centrais, de CHRISTALLER, definindo elementos fundamentais como limiar de população e raio de eficiência dum bem central, descrevendo em linhas gerais o modelo hexagonal. Seguem-se a teoria de LOSCH e as leis do escalonamento urbano de ZIPF, focando-se no primeiro caso a importância da localização económica das actividades e a hierarquização dos mercados em função do preço e dos transportes, enquanto a segunda exemplifica uma hierarquização a partir da população.

O capítulo 6 (pp. 88-114) chama a atenção para os vários factores a ter em conta quando se pretende estabelecer uma hierarquia dos centros urbanos e sua classificação, realçando-se o grau de centralidade, tipos de serviços, a unidade adoptada para o estudo (cidade, centro comercial, centro de comércio de retalho), o nível de generalização a que o estudo é feito e as diferenças inerentes à aplicação de métodos quantitativos e qualitativos.

Embora o estudo de CHRISTALLER tivesse sido uma resposta positiva à necessidade de estabelecimento de ideias que orientem o tamanho das cidades e sua localização, o rigor geométrico do seu modelo não é aplicável a todo o mundo. Aos estudos relativos à pesquisa de modelos mais latos dedica CARTER o capítulo 7 (pp. 115-132). Encontram-se referenciadas as obras de DACEY, BRUSH e BRACEY e PHILBRICK (que seguem de perto as ideias dos ecologistas); BERRY, que mostra que a interacção entre os centros e funções é altamente significativa; MURDIE que analisa o comportamento espacial das populações em relação à aquisição de bens em função das diferenças culturais e RUSHTON que dá importância à distância percorrida pelos consumidores, apoiando-se na lei de REILLY.

Resumindo todos os factores mais importantes para a hierarquia dos centros urbanos (administrativos, culturais, sociais e económicos), CARTER apresenta um modelo evolutivo dum sistema urbano onde as alterações de ordem tecnológica (transportes e modernização da agricultura) e económica (factores exógenos) são os mais importantes.

A terceira parte da obra, que é a mais vasta, procura dar uma imagem das investigações feitas sobre a estrutura interna dos centros urbanos. Ao iniciar esta secção com uma análise do plano das cidades, são salientados no capítulo 8 (pp. 133-159) os tipos de planos, a sua relação com o processo histórico e vários métodos destinados à análise pormenorizada da forma e dos principais factores por ela responsáveis.

A distribuição das actividades na cidade é resultante dum conjunto de factores de natureza ecológica, económica e do próprio sistema de actividades. Ao seu estudo é dedicado o capítulo 9 (pp. 160-192). Relativamente aos primeiros o autor apresenta o modelo de BURGESS e todas as críticas que lhe são atribuídas (fronteiras muito rígidas, heterogeneidade interna das zonas, anacronismo, carência de universalidade, exclusão do peso das construções) e refere ainda com menos relevância os modelos de HOYT e ULLMAN (pp. 160-180). Considerando que a estrutura funcional é resultante de factores económicos e culturais, selecciona modelos de SHNORE e DUNCAN, assentes num complexo com bases no meio, tecnologia, população e formas de organização do espaço.

Dentre os factores económicos salienta-se o valor dos terrenos, muitas vezes traduzido pelo valor das rendas e a fricção do espaço que aumenta o custo das deslocações. Deles não se pode desligar a organização da ocupação do solo em sistemas de actividades também relacionadas com linhas definidas pelo planeamento e pelas decisões dos órgãos competentes.

O capítulo 10 (pp. 193-242) é dedicado à determinação e análise da área central da cidade, centro de comércio e serviços, conhecido na literatura norte-americana por CBD. Numerosos trabalhos foram dedicados aos métodos de determinação física do CBD. Nas primeiras tentativas usaram-se como elementos de delimitação os valores dos terrenos, das rendas, dos rendimentos colectáveis, dados por vezes difíceis de conseguir pela inexistência duma estatística perfeita ou por confidencialidade. Salienta-se o estudo de MURPHY e VANCE (pp. 198-203), que utilizam um conjunto de índices referidos a relações ocupação/superfície e tentam definir a estrutura interna do CBD nomeando o tipo de funções que são características deste sector da cidade. Tendo em conta essa estrutura e dinâmica, o problema da sua caracterização no momento foi ultrapassado por DAVIES no seu estudo sobre Cape Town, definindo associações de actividades, metodologia que também é apresentada na obra de CARTER. É ainda considerada a zona de transição, identificada por uma mistura de funções comerciais ou não mas avizinhandose das áreas residenciais e da indústria pesada.

A distribuição da população na cidade é o objecto de estudo do capítulo 11 (pp. 243-287). São aqui apresentados vários trabalhos feitos para as áreas residenciais, definindo-se duas linhas para a sua identi-

ficação. Uma, baseada no tipo de edifícios, tem sido pouco utilizada e mais dirigida para a análise histórica através da observação dos elementos arquitectónicos e do material de construção; a outra diz respeito ao estudo das características sócio-económicas da população, traduzida através de índices, citando-se os trabalhos de DUNCAN para Chicago, SHEVKY e BELL para Los Angeles, DAYTON para as cidades norte-americanas e JOHNSTON para a Austrália. São ainda feitas algumas observações relativas à organização das áreas residenciais em função da acessibilidade ao centro.

A expansão dos centros urbanos com a ocupação do espaço que os envolve, sem contudo o integrar na cidade, levou à identificação duma faixa onde a população vive mas à qual não pertence. É o espaço onde a urbanização e o ruralismo se encontram, e foi objecto de estudo intenso nos anos 1940-1960. Desses estudos, que se ocuparam da definição da franja rural-urbana e das suas características, o capítulo 12 (pp. 288-296) dá uma informação detalhada.

A localização das indústrias no aglomerado urbano é tratada no capítulo 13 (pp. 297-309). Referenciando-se os motivos essenciais da localização industrial, de relevância para os geógrafos do princípio do século (rios e caminhos-de-ferro), CARTER apresenta algumas das teorias de localização descritas nos últimos anos. ISARD defende a localização das indústrias em núcleos que se organizam em função do tipo de matéria-prima que utilizam; LOWNSTEIN localiza-as em função do mercado a que se destinam: centro da cidade, região, mercados externos; HAMILTON segue em parte este esquema, assinalando uma localização central para as indústrias que requerem fácil acesso ao CBD: junto aos portos e vias de comunicação as de exportação; e as indústrias pesadas, pelo espaço que necessitam, localiza-as em áreas suburbanas. CARTER encerra este capítulo tentando a elaboração dum esquema que aponta as indústrias que podem ser localizadas no centro e as que devem ser descentralizadas.

A organização das funções urbanas através dos tempos, em sociedades com características económicas e sociais diferentes, origina cidades com formas variadas. O estudo das relações entre a forma e as funções tem sido uma das fraquezas da Geografia Urbana. Exceptuam-se os trabalhos que relatam a organização hierárquica dos centros secundários de negócio e a sua localização no contexto da cidade. A ela CARTER dedica o último capítulo do seu livro (pp. 310-332), mencionando trabalhos que procuram estabelecer essa hierarquia, antes do aparecimento da teoria dos lugares centrais (PROUDFOOT, 1937). Citam-se depois as obras de BURNS, usando a noção de limiar da população e raio de eficiência e a de HANS CAROL, trabalho nitidamente influenciado pelo modelo de CHRISTALLER. Para as cidades norte-americanas apontam-se os trabalhos de BERRY, que relaciona os quatro níveis hierárquicos determinados no seu estudo (CBD, centros secundários, bandas, áreas especializadas) com os tipos de lugares centrais por ele determinados (hamlet, village, town, e regional capital). Como exemplos de estudos que representam um esforço para ultrapassar problemas relativos aos

vários tipos de cidade, a acessibilidade e rede de transportes, são seleccionados os trabalhos de GARNER, RONALD JONES e DAVIES.

A publicação desta obra pretende chamar a atenção para trabalhos de grande relevo, em Geografia Urbana, que representam exemplos de vários ensaios metodológicos em torno dum objecto de estudo, a cidade, e ao mesmo tempo focar as variantes do comportamento e da evolução do tecido urbano em diversos pontos do globo.

MARIA CLARA MENDES